



ESPACIALIDADES EM TRÂNSITO: A FLUIDEZ TRANSMETAFÓRICAS NAS ÁGUAS DISCURSIVAS DE MANOEL DE BARROS

SPATIALITIES IN TRANSIT: TRANSMETAPHORICAL FLUIDITY IN THE DISCURSIVE
WATERS OF MANOEL DE BARROS

Igor Rossoni*

17

Resumo: O presente estudo visa a empreender reflexão, a partir do discurso poético de Manoel de Barros, levando-se em consideração o uso retórico da metáfora a fim de estabelecer uma qualidade de espaço que dela se desaproxima ou se transmuta em relação aos anúncios conceituais já concebidos pelos compêndios bibliográficos.

Palavras-chave: Poesia, Retórica Discursiva, Metáfora, Transmetáfora, Manoel de Barros.

Abstract: The aim of this study is to reflect on Manoel de Barros's poesis discourse, considering the rhetorical use of metaphor to establish a quality of space that is different or transmuted from the conceptual adverts already conceived by bibliographical compendiums.

Keywords: Poetry, discursive rhetoric, metaphor, transmetaphor, Manoel de Barros.

* Universidade Federal da Bahia. E-mail: xanqai13@gmail.com

*Para nós obedecer a desordem das falas
infantis gerava mais poesia do que obedecer
as regras gramaticais.
(...)*

*o que nós queríamos é que a nossa
palavra poemasse¹.
(Manoel de Barros)*

“ÁGUAS INDORMIDAS”²

Em virtude da modalidade construtiva e condição do pensamento para conferir um processo reflexivo como o que seguirá, levando-se em conta o exercício retórico de formatar o tratamento de linguagem de que se valeu em vida o poeta mato-grossense Manoel de Barros (1916-2014) a fim de moldar um universo verbo-poiésico original e particular, poder-se-ia iniciar esta breve proposta de estudo sobre o constructo da metáfora naquele dado espaço-tempo inventivo, por embasá-lo a partir dos empreendimentos conceituais efetivados pelos posicionamentos teóricos já desenvolvidos.

Entretanto, um olhar arguto sobre a coisa-de-palavras empreendida por um desejo de origens, traquinagens e criancices³, permite que se estenda um rastro da imaginação vertida em origem criativa das coisas [“A gente passeava nas origens”⁴] à origem de outro

¹ Barros, M. de. “A turma” in *Manoel de Barros – poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

² “Eu gostava das águas indormidas”. Barros, M. de. “A turma” in *Manoel de Barros – poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

³ “[...] aprendi até os sete anos só coisas que analfabetam, [...] tive que fazer eu mesmo as “artices” da infância [...]. Fui criado no mato isolado e eu acho que *isso me obrigava a ampliar meu mundo com o imaginário*. Inventei meus brinquedos e meu vocabulário. *Quando eu não achava a palavra para nomear a coisa, eu modelava ela com as mãos*, [...] eu gostava das frases, de preferência *as insólitas* [...]” (BARROS, carta a Sheila Moura, 21.07.1995, grifos meus).

⁴ Idem Ibidem.



pensamento⁵ que viabilize um vergar reflexivo [talvez insólito] que recaia sobre o uso de uma atitude comparativa entre-coisas que, por devida vez, destine à retórica da metáfora estabelecer um espaço de linguagem que dela se desaproxima ou se transmuta em relação aos anúncios conceituais já concebidos pelos compêndios bibliográficos.

Tais atributos sugerem fornecer matéria para que a atitude reflexiva se viabilize e encontre guarida a partir da espécie de “confissão” firmada pela voz autoral: “Quando eu não achava a palavra para nomear a coisa, eu modelava ela com as mãos”, associada ao ensejo de imaginar frases tocadas pelo sentido insólito que pudessem resultar. Entretanto, o traço da solidez poésica que emana do discurso manoelino retém embasamento prático no senso primordial de que “aprendi até os sete anos só coisas que analfabetam”. Ou seja, o que lhe advém de consciência racionalizante se manifesta pelo sabor de que o saber de origem se nutre da não-convencionalidade; fato de abertura ao espaço ilimitado da criação original e procriação de imagens subversivas aos segmentos orientados pelos subsídios da ordem e da disciplina alfabetizadas.

Deste modo, neste ensaio corre-se o risco pela crença de que, no campo da criação, e posterior investimento racional sobre ele, a **origem** se encontra exclusivamente nas manifestações sensório-criativas da expressão humana. Aí o princípio. A busca voraz da voz primeira ecoada em unísono pela própria evocação da origem criadora em si:

Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. [...] Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos (BARROS, “Escova”, in *Memórias inventadas – a primeira infância*, 2003).

Assim, este estudo analítico sobre a metáfora como *figura de linguagem* busca tomar por princípio, não o sentido convencional a ela destinado; ou seja, elemento retórico constituído por um trabalho de linguagem “alfabetizado”; onde se concretiza determinada ação comparativa entre termos e/ou instâncias verbais implícitas – fato que, de algum modo, explicita nos respectivos conteúdos uma dada relação de correspondência de valores e significados. E sim, em função dos meneios que assume quando vertidos aos criares e aprenderes a partir de singular procedimento de “analfabetização” – “moldado a mão”, no

⁵ O que se pretende desenvolver neste estudo.



dizer do poeta –, atestado e verificado na raiz da tessitura poésico-vivencial manoelina. Ou ainda, antes de qualquer sintoma de sistematização, o refletir analítico sobre o objeto em apreço visa a percorrer sentidos que afloram de uma mentalidade insólita e, portanto, transgressora; provinda da natureza primordial que emerge do núcleo fundante manifesto no discurso daquela poésica voz.

Deste modo, em verdade, a investigação se insere num organismo de espacialidade discursiva em trânsito, tomado pelo princípio que sugere mutações entre a manifestação metafórica concebida pela convenção alfabetizada e um espírito transgressivo que sobre ela – no caso específico do “analfabetismo” – possibilita se abater, instituindo um fortalecimento de caráter também insólito e obtuso aqui denominado de transmetaforização da palavra-coisa, pelo assédio invulgar e singular sobre a própria linguagem metafórica. Então, se a metáfora se define por figura de linguagem; a ocorrência da transmetafora se insinua como tropo distorsor e insurgente sobre o modo expressivo próprio da metáfora. Daí a anuência ao título deste exercício: “Espacialidades em trânsito – a fluidez transmetafórica nas águas discursivas de Manoel de Barros”. Assim, a fluidez no tratamento de linguagem postulada pelo suceder do discurso do poeta deslinda a sede das águas manoelinas e inusita o trânsito de uma instância fruto da convenção racional para outra regida pelo espírito da imaginação em *status* de primordialidade. O empenho em, neste momento, buscar um formato de compreensão referente à mutação de espaços metafóricos a espaços transmetafóricos; e nestes vincar atenção, também se apoia em registro que cadencia – por irreverente – o fazer manoelino: “o olho vê; a lembrança revê; a imaginação transvê” (BARROS, carta a Sheila Moura, 21.07.1995).

Ao tomar o prefixo “trans” no sentido de “para além de”, aquela espécie de axioma expressada pelo poeta sugere e, em simultâneo, evidencia que o olhar retido sobre um objeto-coisa (ver) assume o ponto de partida de um processo de mutação iniciado em um dado presente, instância que se revalida por potência visualizada pela memória a fim de, num outro presente situado no futuro, recuperá-lo no que foi e é (rever); para, numa atitude subversiva de progressão-menos, ou vivência atemporal de princípios [“Inventei meus brinquedos e meu vocabulário”] – em que passado, presente e futuro se amalgamam no espaço insólito da supressão de limites – se transmutar em topos onde vige o espaço da pré-coisa objetivada, pelo molde lúdico e transgressivo da inventividade pueril: “as ‘artices’ da infância” (transver). Enfim: **o inusitado “ver” da própria poesia.**



Assim, diante do espaço de objetos-coisa, o trabalho de princípio vivenciado pelo universo manuelino se instrui em função de um denominativo circunstancial que se afina antesmente ao *status* de coisa, singularizando-o por expressão que nela não existe segundo referência sígnica já sistematizada. Deste modo, parece ser na vivência imaginativa deste espaço não convencionalizado – “A gente passeava nas origens” – que se conforma e se concretiza o desejo primordial de poemar palavras: “o que nós queríamos é que a nossa palavra poemasse”⁶. Por outro veio, materializar o recurso retórico aqui denominado por procedimento de transmetaforização.

Portanto, ao assumir e validar o espaço de pré-coisa no tecer discursivo de Barros – pela mutação do espaço sistematizado de algo para o inominado espaço de pré-algo – sugere superar a convencionalidade obrigatória do caráter comparativo instituído como arbítrio retórico de identificação da metáfora como figura de linguagem. Deste modo, tal recorrência impregnada no fazer do poeta – aos moldes de, ao acaso: “A mãe disse que *carregar água na peneira / era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele/ para mostrar aos irmãos*⁷ (grifo meu) –, sugere desobrigar que a relação entre um espaço e outro se estabeleça por proximidade de objetos-coisa pelos devidos e respectivos conteúdos; e aferir sentido pela substanciação de uma coisa em outra, independentemente de parentescos paradigmáticos ou variáveis afins: a passagem do esperado jogo correlacional para o espaço inusitado de superação da intenção metafórica, viabilizando — pelo inusitado — o espaço da transmetafora.

O LÚCIDO E O LÚDICO: O MENEIO DAS ÁGUAS

Uma vez realizada a tentativa de dispor e objetivar um recurso de linguagem explorado no fazer poético de Manoel de Barros – a criação do espaço transmetafórico – busca-se na sequência lhe vislumbrar o respectivo espírito funcional; focando analiticamente o poema “Despalavra” (*Ensaios fotográficos*, 2000):

⁶ Observa-se que, nesta paisagem, os verbos “querer” (“nós queríamos” – pretérito imperfeito) e “ser” (“é” – presente do indicativo) sugerem iconizar o sucesso do insólito no espaço de fusão temporal, onde o então e o agora se consubstanciam pelo regime da atemporalidade.

⁷ BARROS, M. “O menino que carregava água na peneira” in: *Poesia completa – [Exercícios de ser criança (1999)]*. São Paulo: Leya, 2013.



Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapos.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.
Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.
(*Poesia completa*, 2013, p. 354-55)

Se por um lado, a palavra se constitui no elemento organizador e propulsor de reflexões acerca dos fatos vivencias, no tempo e no espaço das representações; por outro lado, à mesma palavra se confere a potencialidade transgressora de apresentar um universo outro, em virtude das ações retóricas postas em movimento pelo trabalho criativo do artista.

Nesse sentido, de antemão, o que se tem por **lúcido** e o que se dispõe por **lúdico** explicitam contextura relacional na medida em que, ao empenho do primeiro – ambientado no *locus* da razão – insurge dado procedimento inusitado de transposição de valores que ascendem ao universo da revelação imaginativa, assim redimensionando o poder de abrangência pela pluralidade que o elemento lúdico conota e apresenta a partir da respectiva relação. Pode-se inferir que, no universo lúdico de Manoel de Barros, a palavra desestabilizada da propensão racio-convencional abre-se para a experiência explorativa de dado espaço onde parece vigor o que se pode denominar de o *status-menos* dela mesma; ou seja, manifestação de palavra que se revolve interna (sentido) e externamente (expressão) em outra substância verbal. A sagração deste sucesso suscita conter a chave para a auto-implosão do esperado a fim de destampar a cratera de outros e diversos sortilégios e



sensações, garantindo – desta maneira – a concretização do espaço transmetafórico pelo engendramento celular da “despalavra”. Assim, dada a estatura do “des”, lucidamente, tudo sugere se primordializar em estética real e singular ao despertar da voz lírica:

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.

Observa-se que, em princípio, o determinativo temporal que sedimenta posição no aqui-já sugere conformar o trânsito entre o espaço condicionante de onde provém e o de onde se encontra, estabelecendo uma linha direta entre o conviver isolado – “Minha infância é marcada por gesto de peixes, por entes que alçam tipo borboleta e bem-te-vis, meu olho é marcado por árvores, rios e mais cinco pessoas [...]. Eu fui criado no mato isolado” (BARROS, carta a Sheila Moura, 21.07.1995) – e a premência em suprir os ensejos de curiosidades pela carência quase vital de inventividade: “e acho que isso me obrigava a ampliar meu mundo com o imaginário” (BARROS, carta a Sheila Moura, 21.07.1995). A consequência deste relacionamento tópico desperta discussão sobre a espaço-temporalidade concentrada na palavra “Hoje”. Assim, neste *locus*, quando é “Hoje”? A cada tessitura, “Hoje” especifica uma situação, uma condição e um estado. Assim, “Hoje” é, simultaneamente, sempre; vez a palavra hoje – advinda do mundo vivencial – sofrer uma imposição de sentido tonificada pela carência de inventividade a ponto de substancializá-la em pluralidade na unidade: sempre. E isto só se permite no “reino das imagens”, por expressa revelação da “despalavra”, como registra a lucidez-lúdica da voz enunciativa. Portanto, entre hoje e “Hoje” sobrepõe-se um abismo; melhor ouvindo a referida voz, “uma ruína”: “[...] Queria construir uma ruína...” (“Ruína” in *Ensaios fotográficos | Poesia completa*, 2013, p. 357): o constructo transmetafórico da criação.

Se logo na abertura desta cratera-texto a voz emissora desponta por meio de uma ação mutante de temporalidades; na sequência, materializa e revolve atenção aos desvios proporcionados pelo veio espacial. O ponto de convergência vem demarcado pelo uso recorrente do dêitico indicativo de lugar: “Daqui”. Entretanto, a singularidade deste lugar se exemplariza em instância desprovida de localidade, vez se tratar de um espaço onde o que ali se manifesta é o fomento resultante de uma atitude definitivamente subversiva. Observa-se que é deste *topos* que ressurgem as coisas não intercambiáveis como não lugares onde se



concretiza – pela modelagem manual do poeta – o paradoxo do poder qualitativo das coisas transmetaforizadas em pré-coisas; ou seja, o retorno ao silêncio plural das origens:

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.

Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapos.

Nesse sentido, “todas as coisas”; “todas as pedras”; – no estado de pré-coisa – “podem ter qualidade humanas”; “de pássaros”; “de sapos”.

Ter qualidades de sapo é tornar a pedra naquilo que dela não se associa; organismo regido pela vivacidade da imagem em ensejo de pulsão: deslizos e luminosas desconformidades. Pela ação do poeta, as palavras “coisas”; “humanas”; “pássaros”; “pedras”; “sapos”, mantêm as grafias, mas despalam-se pela experiência da contextura da auto-simbiose pré-vivenciada na origem, no silêncio reinante em cada uma delas. Ali está o poeta, na infância do menino isolado no mato; nos entes que alçam de bem-te-vis, nos gestos de peixes e borboletas; no olho escorreito de árvores e rios; enfim, no pré-por-dentro da infância que — fertilmente — o analfabeta. Deste modo, o “reino das imagens” se consagra e; em simultâneo, consagra o espaço pré-geográfico da despalam; de onde o poeta se manifesta não pela figura de si, mas pelo ser da própria poesia:

Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvore.

Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.

Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas.

Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas.

Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos.

Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos.



As pré-coisas assim são, dinamismo frente aos propagares delas próprias. Para tanto, nesta geografia-menos basta estender os olhos para que a realidade se reverta às imagens induzidas pelo toque; ou seja, o poeta – a voz manuelina – torna-se um com a poesia que modela pelas mãos. Aparentemente negando-se, o menino torna-se naquilo que o antecede e o pereniza: um pré-poeta afeito não às coisas, mas às “pré-coisas”; não à condição de musgo, mas ao estado de “pré-musgo”; não na escala de verme, mas ser a própria escalada à nova geografia: “pré-ver-me”. Incubado desde a raiz, o poeta vertido à própria manifestação poésica instaura a compreensão do mundo “sem conceitos”; transformando, pelo espaço da despálar, o sentido rudimentar e destrutivo dos pré-conceitos. Deste modo, cabe ao poeta a glória do ampliar o mundo ao transmetaforizar as metáforas pela fértil coerção delas mesmas.

O exercício de auto-revolver-se sobre si [vale a redundância explicitada] – sendo lá e estando aqui – é a origem vital do ser poésico nele incubado. Um passo contínuo e eloquentemente silencioso em direção às coisas. Emanações fluem destas águas-palavras e ganham as estações dos caminhos, dos estreitos e das vicissitudes, até a razão afetiva dos homens:

[Daqui vem] Que os poetas podem refazer o mundo por
imagens, por eflúvios, por afeto.

ÁGUAS: AMPLITUDES E DESCAMINHOS

O fato de origem, deste modo, se constitui no verdadeiro sentido de invenção capaz de dar às coisas toda potencialidade de transformação e investimento a fim de também materializá-la naquilo que não é. Em verdade, não se trata de negá-la; e, sim, de torna-la servil à humanidade pela pluralidade sensória que passa a — neste estado — exarar.

O sujeito-coisa e as coisas do sujeito se encontram frente a frente no para-além do sentido convencional e osmótico que os registram. Assim, o mundo se amplia pela comunhão das palavras que se destinam menos à jogos de comparações; e mais à possibilidade de “rever” entendimentos e aceitações orientados por princípios de valores padronizados.

Cabe ao poeta a façanha de “transver” as coisas; e explodir — das palavras — o que delas se toma por vitalidade humana. Ou seja, pelo olhar-instruído e vitalizador da criança



que alimenta o “ver” do poeta, as coisas se abrem; as coisas recrudescem; as coisas infinitam no olhar do sujeito que as mira.

Os descaminhos se constituem no percurso ao qual as palavras transmutadas se com-penetraram e se notabilizam singularmente. O caminho constituído por descaminhos sugere a fonte por onde jorra a natureza poésica das palavras elencadas e transgeradas pelo olhar/paladar do poeta em estado de traquinagem. Assim, qualquer motivo é condição de emparelhamento ao suspiro inusitado:

[...] A partir dos restos Miró iniciava sua engenharia
de cores.
Muitas vezes chegava a iluminuras a partir de um
dejeto de mosca deixado na tela.
Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha
escura
O escuro o iluminava
("Miró", *Ensaios fotográficos*, 2000);

Qualquer atitude ou ação retórica se achega ao caminhar em escalada de soberania da existência em estado primaveril, onde nasce A “incrível alegria do capim. E a bagunça dos periquitos!” (“Mundo Renovado”, *Livro de Pré-coisas*, 1985, p. 31). Tudo jorra por fonte. Não há fronteiras:

No pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. *E o pantanal não tem limites* (p. 31, grifo meu).

Por fim, destituir-se de limites é não se acercar a nada. Simplesmente — por sensibilidade transmetafórica — é, por ser:

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai o garoto pelo piquete com olhos de descobrir. Choveu tanto que há ruas de águas. Sem placas sem nome sem esquinas (p.31).

Então, vamos à questão: De que mundo se fala? Em que geo-grafia se vive?



REFERÊNCIAS

BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2013.

_____. *Memórias inventadas: a Infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

_____. "Carta a Sheila Moura". 21.07.1995

_____. *Livro de pré-coisas*. Rio de Janeiro: Philobiblion; [Cuiabá]: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 1985.

_____. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

Recebido: 29/10/2023

27

Aprovado: 01/12/2023

